

KAZUO ISHIGURO

# O gigante enterrado

*Tradução de*  
Sonia Moreira



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2015 by Kazuo Ishiguro

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
The Buried Giant

*Capa*  
Alceu Chiesorin Nunes

*Foto de capa*  
Pedro de Kastro

*Preparação*  
Andressa Bezerra Corrêa

*Revisão*  
Ana Maria Barbosa  
Adriana Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Ishiguro, Kazuo

O gigante enterrado / Kazuo Ishiguro ; tradução Sonia  
Moreira. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

Título original: The Buried Giant.

ISBN 978-85-359-2597-5

1. Ficção inglesa — Escritores japoneses I. Título.

---

15-03424

CDD-823.91

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura japonesa em inglês 823.91

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

## PARTE I

# 1.

Você teria que procurar muito tempo para encontrar algo parecido com as veredas sinuosas ou os prados tranquilos pelos quais a Inglaterra mais tarde se tornaria célebre. Em vez disso, o que havia eram quilômetros de terra desolada e inculta; por todo lado, trilhas toscas que atravessavam colinas escarpadas ou charnecas áridas. A maior parte das estradas deixadas pelos romanos já teria àquela altura se fragmentado ou ficado coberta de vegetação, muitas delas desaparecendo em meio ao mato. Uma névoa gelada pairava sobre rios e pântanos, muito útil aos ogros que ainda eram nativos daquela terra. As pessoas que moravam ali perto — e pode-se imaginar o grau de desespero que as teria levado a se estabelecer num lugar tão soturno — teriam razão de sobra para temer essas criaturas, cuja respiração ofegante se fazia ouvir muito antes de seus corpos deformados emergirem da neblina. Mas esses monstros não causavam espanto. As pessoas da época os teriam encarado como perigos cotidianos, e naquele tempo havia uma infinidade de outras coisas com que se preocupar: como obter alimentos do solo duro; como não deixar que

a lenha acabasse; como curar a doença que podia matar uma dúzia de porcos num único dia e provocar brotoejas esverdeadas nas bochechas das crianças.

De qualquer forma, os ogros não eram tão ruins assim, desde que ninguém os provocasse. Era preciso aceitar que, de vez em quando — talvez depois de alguma obscura desavença entre eles próprios —, um desses monstros, tomado de uma fúria terrível, iria entrar atabalhoadamente numa aldeia e, apesar dos gritos e das armas brandidas em sua direção, acabaria destruindo tudo o que lhe aparecesse pela frente e ferindo quem demorasse a sair de seu caminho. Ou que, de vez em quando, um ogro poderia agarrar uma criança e sumir neblina adentro. As pessoas da época tinham que se resignar com essas atrocidades.

Numa dessas áreas na beira de um extenso pântano, à sombra de algumas colinas de contornos irregulares, vivia um casal de idosos, Axl e Beatrice. Talvez não fossem exatamente esses os nomes, mas, para facilitar, é assim que vamos nos referir a eles. Eu diria que esse casal levava uma vida isolada, mas naquele tempo poucos viviam “isolados” em qualquer dos sentidos que entendemos hoje. Para se manter aquecidos e ter proteção, os aldeões moravam em tocas, muitas delas escavadas bem lá no fundo da encosta da colina, que se ligavam umas às outras por passagens subterrâneas e corredores cobertos. O nosso casal de velhinhos morava num desses conjuntos labirínticos de tocas, ou abrigos — “edifício” seria uma palavra digna demais para descrever aquilo —, com cerca de sessenta outros aldeões. Se saísse desse abrigo e caminhasse por vinte minutos ao redor da colina, você chegaria à comunidade vizinha, que lhe pareceria idêntica à primeira. Mas, para os próprios habitantes, haveria muitos detalhes para distinguir um abrigo do outro, dos quais eles sentiam orgulho ou vergonha.

Não quero dar a impressão de que era só isso que existia na

Grã-Bretanha daquele tempo; de que numa época em que magníficas civilizações floresciam em outras partes do mundo, aqui ainda não estávamos muito além da Idade do Ferro. Se tivesse a chance de perambular à vontade pelo interior, você poderia muito bem encontrar castelos cheios de música, boa comida, excelência atlética; ou mosteiros com moradores extremamente cultos. Mas não há como negar: mesmo montado num cavalo forte, com o tempo bom, você poderia passar dias cavalgando sem avistar nenhum castelo nem mosteiro se elevando do meio da vegetação. A maior parte do tempo, você veria comunidades como a que acabei de descrever e — a menos que estivesse levando presentes como alimentos e roupas, ou estivesse armado até os dentes — não teria a menor garantia de ser bem recebido. Lamento pintar um quadro como esse do nosso país naquela época, mas o que se há de fazer?

Voltando a Axl e Beatrice. Como eu dizia, esse casal idoso morava na margem externa do abrigo, de modo que a toca deles ficava menos protegida dos elementos e pouco se beneficiava do calor da fogueira da Grande Câmara, onde todos se reuniam à noite. Talvez tenha havido uma época em que moravam mais perto do fogo, uma época em que eles moravam com os filhos. Na verdade, eram exatamente ideias assim que vinham à cabeça de Axl quando ele ficava acordado na cama nas horas vazias antes do amanhecer, enquanto sua mulher dormia um sono profundo ao seu lado, e nesse momento a sensação de uma perda indefinida começava a lhe doer no coração, impedindo-o de pegar no sono de novo.

Talvez tenha sido por isso que, naquela manhã específica, Axl desistiu de ficar na cama e saiu de mansinho do abrigo para ir se sentar lá fora, no banco velho e torto que ficava ao lado da entrada, à espera dos primeiros sinais da luz do dia. Era primavera, mas o ar ainda estava congelando, embora Axl estivesse

enrolado no manto de Beatrice, que ele tinha pegado ao sair. No entanto, ficou tão absorto em seus pensamentos que, quando se deu conta de como estava com frio, as estrelas já tinham praticamente sumido, um brilho começava a se espalhar pelo horizonte e as primeiras notas do canto dos pássaros emergiam da penumbra.

Axl se levantou lentamente do banco, arrependido de ter passado tanto tempo do lado de fora. Gozava de boa saúde, mas tinha levado um bom tempo para se livrar da última febre e não queria que ela voltasse. Sentia agora a umidade nas suas pernas, porém, quando se virou para voltar para dentro do abrigo, o que mais sentiu foi satisfação, pois naquela manhã ele tinha conseguido se lembrar de várias coisas que vinham lhe fugindo à memória já fazia algum tempo. Além disso, sentia que estava prestes a tomar uma decisão muito importante — que vinha sendo adiada havia muito tempo — e isso lhe dava um entusiasmo que ele estava ansioso para compartilhar com a esposa.

Do lado de dentro, as passagens entre as tocas ainda estavam em total escuridão, e ele foi obrigado a tatear o caminho para vencer a pequena distância de volta até a porta de sua câmara. Muitas das “portas” no interior do abrigo não passavam de um arco para marcar a entrada de uma câmara. A natureza aberta desse arranjo não incomodava os aldeões por lhes tirar a privacidade, mas permitia que os quartos aproveitassem qualquer calorzinho que viesse da grande fogueira pelos corredores ou das outras fogueiras menores permitidas dentro do abrigo. No entanto, como ficava longe demais de qualquer fogueira, o quarto de Axl e Beatrice tinha algo que poderíamos reconhecer como uma porta de verdade: uma grande moldura de madeira entrecruzada com pequenos galhos, ramos de parreira e de cardo, que alguém que estivesse entrando ou saindo precisava levantar e empurrar para o lado, e que impedia a entrada de correntes de ar frio. Axl

teria dispensado de bom grado essa porta, mas, com o tempo, ela havia se tornado um motivo considerável de orgulho para Beatrice. Muitas vezes, quando voltava para o quarto, ele encontrava a esposa retirando ramos murchos dessa construção e os substituindo por outros mais frescos que ela colhera durante o dia.

Naquela manhã, Axl afastou a porta apenas o suficiente para poder entrar, tomando cuidado para fazer o mínimo de barulho possível. Ali, a luz do amanhecer começava a se infiltrar no quarto pelas pequenas frestas da parede externa. Ele conseguia ver vagamente sua própria mão diante de si e, na cama de capim, a silhueta de Beatrice, que ainda parecia dormir sob as cobertas grossas.

Axl ficou tentado a acordar a mulher, pois um lado seu tinha certeza de que, se nesse momento ela estivesse acordada e conversasse com ele, qualquer barreira que ainda restasse contra a decisão que ele acabara de tomar finalmente ruiria. Mas ainda levaria algum tempo para a comunidade se levantar e o dia de trabalho começar, então o homem se acomodou no banquinho que ficava num canto do quarto, ainda bem embrulhado no manto da esposa.

Ele se perguntava se a neblina naquela manhã seria muito espessa e se, quando a escuridão desaparecesse, descobriria que ela tinha penetrado pelas rachaduras dentro do quarto deles. Mas, depois, os pensamentos dele se desviaram dessas questões e se concentraram novamente no que o preocupava antes. Será que eles sempre tinham vivido assim, só os dois, na periferia da comunidade? Ou será que um dia as coisas já haviam sido muito diferentes? Mais cedo, lá fora, alguns fragmentos de uma recordação tinham lhe voltado à mente: um breve momento em que ele estava andando pelo longo corredor central do abrigo, com o braço em torno dos ombros de um de seus filhos e o corpo um pouco curvado, não por causa da idade, como poderia acontecer

agora, mas simplesmente porque queria evitar bater a cabeça nas vigas do corredor sombrio. Talvez a criança tivesse acabado de lhe dizer alguma coisa engraçada e os dois estivessem rindo. Mas agora, exatamente como acontecera antes lá fora, nada se fixava direito em sua mente e, quanto mais ele se concentrava, mais os fragmentos pareciam se tornar indistintos. Talvez fossem apenas fantasias de um velho tolo. Talvez Deus nunca tivesse lhes dado filhos.

Você pode estar se perguntando por que Axl não pedia aos outros aldeões que o ajudassem a recordar o passado, mas isso não era tão fácil quanto se poderia supor, pois naquela comunidade o passado raramente era discutido. Não que fosse um tabu, mas ele havia de algum modo sumido em meio a uma névoa tão densa quanto a que cobria os pântanos. Simplesmente não ocorria àqueles aldeões pensar sobre o passado — nem mesmo o recente.

Como exemplo, citemos uma coisa que vinha incomodando Axl havia algum tempo: ele tinha certeza de que, recentemente, havia entre eles uma mulher de longos cabelos ruivos — uma mulher que era tida como uma figura fundamental para a aldeia. Sempre que alguém se machucava ou ficava doente, era essa mulher ruiva, tão habilidosa na arte da cura, que era imediatamente chamada. Agora, porém, não se via mais essa mulher em parte alguma, e ninguém parecia estranhar que ela tivesse sumido, nem lamentar sua ausência. Certa manhã, quando Axl tocou nesse assunto com três vizinhos enquanto trabalhava com eles para quebrar o gelo que cobria o campo, a resposta que lhe deram mostrou que os três realmente não tinham a menor ideia do que ele estava falando. Um dos homens até parou de trabalhar para fazer um esforço de memória, mas no fim balançou a cabeça, fazendo que não. “Deve ter sido muito tempo atrás”, disse ele.

“Eu também não tenho nenhuma lembrança dessa mulher”, Beatrice disse a Axl quando ele tocou no assunto uma noite. “Talvez você tenha sonhado com ela para satisfazer suas próprias necessidades, Axl, apesar de ter uma esposa aqui ao seu lado que está menos encurvada do que você.”

Essa conversa havia acontecido em algum momento do outono anterior, e eles estavam deitados lado a lado na cama, num breu absoluto, ouvindo a chuva bater no teto da toca.

“É bem verdade que você não envelheceu nada com o passar dos anos, princesa”, Axl tinha dito. “Mas a mulher de quem falei não era um sonho, e você mesma se lembraria dela se parasse um instante para pensar no assunto. Não tem mais de um mês que ela estava aqui na nossa porta, uma alma generosa perguntando se queríamos que nos trouxesse alguma coisa. Não é possível que você não se lembre.”

“Mas por que é que ela estava querendo trazer alguma coisa para nós? Era parente nossa por acaso?”

“Acho que não, princesa. Ela só estava sendo gentil. Não é possível que você não se lembre. Volta e meia, essa mulher vinha aqui para perguntar se não estávamos com frio ou com fome.”

“O que eu estou perguntando, Axl, é por que ela foi escolher justo nós dois como alvo da gentileza dela.”

“Também fiquei me perguntando isso na época, princesa. Eu me lembro de pensar: ‘Bom, o trabalho dela é cuidar dos doentes e, no entanto, nós dois estamos tão saudáveis quanto a maioria das pessoas da aldeia. Será que está correndo algum boato de que há uma praga a caminho e essa mulher veio aqui para nos examinar?’. Mas acabou que não havia praga nenhuma e ela só estava sendo gentil mesmo. Agora que estamos falando sobre isso, outra coisa me vem à lembrança: ela estava parada ali, dizendo para não ligarmos para as crianças que ficavam nos xingando. E foi isso. Depois, nunca mais vimos essa mulher.”

“Não só essa ruiva é uma invenção da sua cabeça, Axl, como ela é uma tola de ficar se preocupando com um bando de crianças e com as brincadeiras delas.”

“Foi exatamente o que pensei na época, princesa. Que mal as crianças poderiam nos fazer? Aquilo era só uma maneira de elas se distraírem, já que o tempo lá fora estava tão ruim. Respondi que nós não tínhamos dado a mínima importância para isso, mas a mulher quis ser amável mesmo assim. E aí eu lembro que ela disse que era uma pena nós termos que passar nossas noites sem uma vela sequer.”

“Se essa criatura ficou com pena por não termos mais velas, pelo menos numa coisa ela tinha razão”, Beatrice disse. “É um acinte nos obrigarem a passar noites como essas sem nenhuma vela, quando nossas mãos são tão firmes quanto as de qualquer um. Enquanto isso, tem gente que enche a cara de sidra toda noite e pode ter vela no quarto, ou gente que deixa os filhos correrem de um lado para o outro feito uns malucos. No entanto, foi a nossa vela que eles tiraram, e agora eu mal consigo ver o seu vulto, Axl, mesmo estando bem do seu lado.”

“Eles não agiram com a intenção de ofender, princesa. É só a forma como as coisas sempre foram feitas, apenas isso.”

“Bom, não é só a ruiva dos seus sonhos que acha estranho terem tirado a nossa vela. Ontem mesmo — ou foi anteontem? — passei pelas mulheres na beira do rio e tenho certeza de que ouvi várias delas comentarem, quando acharam que eu já estava longe o bastante e não ia ouvir, que vergonha era um casal honesto como nós dois ter que passar todas as noites no escuro. Então sua mulher imaginária não é a única que pensa assim.”

“Eu já disse que ela não é uma mulher imaginária, princesa. Todo mundo aqui a conhecia um mês atrás e falava muito bem dela. O que será que fez com que todo mundo, inclusive você, esquecesse da existência dela?”

Lembrando-se dessa conversa agora, naquela manhã de primavera, Axl estava quase disposto a admitir que a mulher ruiva fora uma fantasia sua. Afinal, ele era um homem de idade e propenso a se confundir de vez em quando. Contudo, esse caso da mulher ruiva tinha sido apenas um numa longa série de episódios intrigantes desse tipo. Para sua frustração, Axl não estava conseguindo se lembrar de muitos exemplos no momento, mas foram vários casos, disso tinha certeza. Havia, por exemplo, o incidente envolvendo Marta.

Ela era uma menininha de nove ou dez anos que sempre tivera fama de destemida. Nenhuma das histórias de arrepiar os cabelos que se contavam sobre o que podia acontecer com crianças desgarradas parecia diminuir o espírito de aventura da menina. Então, no fim de tarde em que, restando menos de uma hora de luz do dia, com a névoa se aproximando e os uivos dos lobos já se fazendo ouvir da colina, começou a circular a notícia de que Marta havia sumido, todo mundo largou na mesma hora o que estava fazendo, alarmado. Durante os minutos seguintes, vozes gritaram o nome dela por todo o abrigo e o som de passos apressados ecoou para cima e para baixo pelos corredores, enquanto os aldeões procuravam pela menina em todos os quartos, todas as cavas de armazenamento e cavidades sob os caibros, todo esconderijo em que uma criança poderia se enfiar por diversão.

Então, no meio desse pânico, dois pastores que voltavam de seu turno nas montanhas entraram na Grande Câmara e foram se aquecer perto do fogo. Enquanto faziam isso, um deles contou que no dia anterior tinham visto uma carriça voar em círculos acima da cabeça deles, uma, duas, três vezes. Não havia dúvida, disse ele, era uma carriça. A novidade se espalhou rapidamente pelo abrigo e logo uma multidão já tinha se aglomerado em volta do fogo para ouvir a história dos pastores. Até mesmo Axl tinha corrido para se juntar à multidão, pois a aparição

de tal ave na terra deles era uma notícia de fato extraordinária. Entre os muitos poderes atribuídos à carriça estava a habilidade de afugentar lobos e, segundo contavam, havia lugares em que os lobos tinham desaparecido por completo por sua causa.

A princípio, os pastores foram interrogados avidamente e forçados a repetir sua história vezes a fio. Depois, o ceticismo começou aos poucos a se espalhar entre os ouvintes. Muitas pessoas já haviam relatado casos parecidos, alguém salientou, e todas as vezes descobriu-se que eram infundados. Outro declarou que, na primavera anterior, aqueles mesmos pastores haviam contado uma história idêntica e, no entanto, ninguém mais avistara carriça nenhuma. Zangados, os dois pastores negaram terminantemente ter relatado qualquer história parecida antes, e logo a multidão começou a se dividir entre os que acreditavam nos pastores e os que diziam ter alguma lembrança do suposto episódio no ano anterior.

Conforme a discussão ia ficando mais acalorada, Axl percebeu que estava lhe batendo aquela sensação incômoda e familiar de que havia alguma coisa errada. Então, afastando-se do tumulto e da gritaria, ele saiu para ver a noite cair e a névoa se aproximar. Depois de algum tempo, fragmentos de memória começaram a se encaixar uns nos outros dentro de sua cabeça e ele se lembrou do sumiço de Marta, do perigo e de como, não fazia muito tempo, todo mundo estava procurando pela menina. Mas logo essas lembranças já estavam se embaralhando, do mesmo modo como um sonho se torna confuso poucos segundos depois de acordarmos, e foi só com um extremo esforço de concentração que Axl conseguiu continuar pensando na pequena Marta, enquanto as vozes atrás dele não paravam de discutir a carriça. Então, enquanto estava parado lá desse jeito, ele ouviu o som de uma menina cantando baixinho e viu Marta surgir de dentro da névoa.

“Você é uma criança estranha, menina”, disse Axl quando ela veio saltitando até ele. “Não tem medo do escuro, não? Nem dos lobos e dos ogros?”

“Ah, eu tenho medo deles sim, senhor”, ela respondeu, sorrindo. “Mas eu sei me esconder deles. Espero que os meus pais não tenham perguntado por mim. Eu levei uma surra e tanto na semana passada.”

“Se eles perguntaram por você? Claro que perguntaram. A aldeia inteira está procurando por você. Não está ouvindo a gritaria lá dentro? É tudo por sua causa, menina.”

Marta riu e disse: “Ah, deixe de brincadeira, senhor! Eu sei que eles não sentiram minha falta. E eu estou ouvindo muito bem. Não é por minha causa que eles estão gritando”.

Quando ela disse isso, Axl se deu conta de que a menina de fato tinha razão: as vozes que vinham lá de dentro não estavam falando dela de forma alguma, mas sim de um assunto completamente diferente. Ele se inclinou em direção ao vão da porta para ouvir melhor e, captando uma ou outra frase em meio às vozes exaltadas, começou a se lembrar da história dos pastores e da carriça. Estava se perguntando se deveria dar alguma explicação sobre isso a Marta quando ela, de repente, passou saltitando por ele e foi lá para dentro.

Axl foi atrás dela, antevendo o alívio e a alegria que o reaparecimento da menina iria trazer. E, para falar com franqueza, também lhe ocorreu que, entrando com Marta, talvez ele recebesse parte do louvor por ela ter voltado sã e salva. No entanto, quando Axl e a menina chegaram à Grande Câmara, os aldeões ainda estavam tão envolvidos na discussão sobre os dois pastores que só alguns deles se deram ao trabalho de olhar em sua direção. A mãe de Marta ainda saiu do meio da multidão por tempo suficiente para dizer à filha: “Então você apareceu! Nunca mais suma desse jeito, está ouvindo? Quantas vezes vou ter que re-

petir?”. Mas, logo em seguida, voltou a atenção para o debate travado ao redor do fogo. Então Marta lançou um sorriso para Axl, como quem diz “Eu não falei?”, e correu rumo às sombras em busca das amigas.

O quarto agora estava bem mais claro. Como ficava na beira do abrigo, a câmara de Axl e Beatrice tinha uma pequena janela que dava para o lado de fora, embora fosse alta demais para permitir que se olhasse por ela sem subir num banquinho. Naquele momento, ela estava tampada com um pano, mas os primeiros raios de sol começavam a penetrar no quarto por um canto da janela, lançando um feixe de luz no lugar em que Beatrice estava dormindo. Axl avistou, iluminado por esse raio, o que parecia ser um inseto pairando no ar logo acima da cabeça da esposa. Então, ele percebeu que era uma aranha pendurada por seu fio invisível e vertical; naquele mesmo instante, ela começou a descer suavemente. Levantando-se sem fazer barulho, Axl atravessou o pequeno quarto e passou a mão pelo espaço acima da sua mulher adormecida, prendendo a aranha dentro do punho. Depois, ficou parado ali por um momento, olhando para Beatrice. Dormindo, o rosto dela tinha uma expressão de tranquilidade que agora Axl via raramente quando a esposa estava acordada, e o súbito acesso de alegria que essa visão lhe trouxe o pegou de surpresa. Ele soube então que tinha mesmo tomado uma decisão e mais uma vez sentiu vontade de acordar a mulher, só para lhe dar a notícia. Mas percebeu que seria uma atitude egoísta e, além do mais, como ele poderia ter tanta certeza de qual seria sua reação? Por fim, voltou em silêncio para o seu banquinho e, ao sentar-se, lembrou-se da aranha e abriu a mão com cuidado.

Quando estava sentado mais cedo no banco lá fora, esperando os primeiros sinais da luz do dia, Axl tentara se lembrar em que momento ele e Beatrice haviam discutido pela primeira vez a ideia de viajar. Na hora, ele tinha achado que isso se dera

durante uma conversa específica dos dois numa noite naquele mesmo quarto, mas agora, enquanto observava a aranha fugir da beirada da sua mão para o chão de terra, veio-lhe a certeza de que a primeira menção ao assunto fora feita no dia em que a estranha vestida com andrajos escuros havia passado pela aldeia.

Era uma manhã cinzenta — teria sido no último mês de novembro? Já fazia mesmo tanto tempo assim? —, e Axl estava caminhando ao lado do rio, em uma trilha coberta por copas de salgueiros. Voltava correndo do campo para o abrigo, talvez para buscar alguma ferramenta ou receber novas instruções de um capataz. De qualquer forma, foi detido por uma gritaria repentina, vinda de trás dos arbustos à sua direita. A primeira coisa que lhe veio à cabeça foi que deviam ser ogros, e ele mais que depressa olhou em volta à procura de uma pedra ou de um pau. Depois se deu conta de que as vozes, que eram todas femininas, embora zangadas e exaltadas, não demonstravam o pânico que costuma acompanhar o ataque de um ogro. Mesmo assim, Axl abriu caminho com determinação por entre os arbustos de zimbro e foi dar numa clareira, onde viu cinco mulheres — já não muito jovens, mas ainda em idade fértil — paradas perto umas das outras. Elas estavam de costas para ele e continuavam gritando na direção de alguma coisa à distância. Axl estava chegando perto delas quando uma das mulheres notou, com um sobressalto, que ele estava ali. Mas, logo em seguida, as outras também se viraram e o encararam quase com desdém.

“Ora, ora”, uma delas disse. “Pode ser só coincidência, ou pode ser outra coisa, mas o marido está aqui. Com alguma sorte, ele vai conseguir enfiar um pouco de juízo na cabeça dela.”

A mulher que o tinha visto primeiro disse: “Nós falamos para a sua esposa não ir lá, mas ela não quis nos ouvir. Cismou que tinha que levar comida para uma estranha, mesmo sendo muito provável que a desconhecida seja um demônio ou um elfo disfarçado”.